

OPERÁRIAS NA CALÇADA

A BUSCA DA TERRA SEM MALES

Patrick Clarke*

**“Acaso Deus conhece?
Existe conhecimento no Altíssimo?
Eis que os ímpios são assim
e sempre tranquilos, ajuntam riquezas”.**

(Salmo 73,11-12)

Encontrei, por aí, um dia, as comadres da calçada. Gente nova, povo novo lutador. Semeando a esperança no meio de uma grande desgraça. Vivendo a utopia da vida nova, transformada em poesia do reino, pelas lágrimas amargas da derrota.

Parece paradoxo. Mas da sarjeta da humilhação, ali em plena cidade nobre, reduto dos poderosos, fortaleza dos que tudo possuem, um "bando" de mulheres operárias, sem nada a não ser sua fé e o sonho de um mundo diferente, armou sua tenda e pariu um novo tempo, um mundo que nunca mais vai ser o mesmo.

Disso tudo, fui discípulo tardio, testemunha privilegiada, companheiro comovido, solidário. Senti, nas visitas diversas, nas conversas, nas rezas e nas partilhas, a eclosão de algo inédito. De uma boa nova, que o mundo, a nossa sociedade de consumismo exausto, muito precisa.

Foi no dia 7 de janeiro de 1992, que voltando de suas férias, as 128 funcionárias da CALFAT encontraram as portas trancadas e a fábrica saqueada pelo seu dono Jorge Gabriel Calfat. Levou junto o fruto do trabalho das costureiras, seus salários de dezembro e o 13º. O esforço produtivo e suado dessas mulheres trabalhadoras parecia em vão. Um Natal sem alegria e sem pão.

**“Construí a cama - não posso deitar
Plantei as rosas
para outras enfeitar.
O cafezal floriu - pobre sorriu, suou.
Café que é bom - rico tomou.**

(Do poema “salário miséria”, de Maria Elizabete Lima Mota, Coleção Ave Vagueira, EP 1986)

Claro, “o rico tomou”. Mas por aí, não ficou. As mulheres, imbuídas com o espírito teimoso dos fracos, foram morar na calçada da rua Nicarágua, em frente à mansão da família CALFAT. E lá ficaram em vigília permanente durante um ano. Sobrevivendo do pão do artesanato, da esperança e do sonho da justiça.

- Valeu a pena essa luta? - perguntei eu.

Estive conversando com Josefa, de Palmeira dos Índios/Alagoas (58 anos, 9 de firma); Maria José, da Paraíba (23 anos, 1,5 de firma); Helena, do Rio Grande do Norte (48 anos, 18 de firma); Marta, de Pernambuco (43 anos, 7 meses de firma); Iracema, de Minas Gerais (58 anos, 7 de firma); Cleunice, do Piauí (23 anos, 2 de firma); e Maria Machado, da Bahia (47 anos, 14 de firma).

- Valeu sim - responderam todas.

- Em que sentido valeu?

- Onde é que você vê mulher largar sua casa, deixar marido, filhos, tudo, até sem ser compreendida, e acampar na rua? Para fazer isso ela deve ser mais do que revoltada, - falou a Marta.

- Valeu porque foi uma luta limpa, honesta, com apoio de todo mundo e foi meio caminho andado para os bens da gente. O que tinha que receber, já recebemos uma parte e está próximo de receber a outra, se Deus quiser.

Mas o que a gente quer mesmo é ver ele na cadeia. Precisa! - enfática sentenciou Iracema.

- Mas o que foi o mais importante, mesmo que não recebessem nada?

- Foi a convivência aqui no acampamento. Foi o que aprendi ali. A viver com muita gente. A lutar junto - disse Helena. Ao que Maria José acrescenta:

- Eu nem tinha noção antes do que era um direito trabalhista. Na fábrica a gente vivia isolada. Nem se falava. Mas a partir do

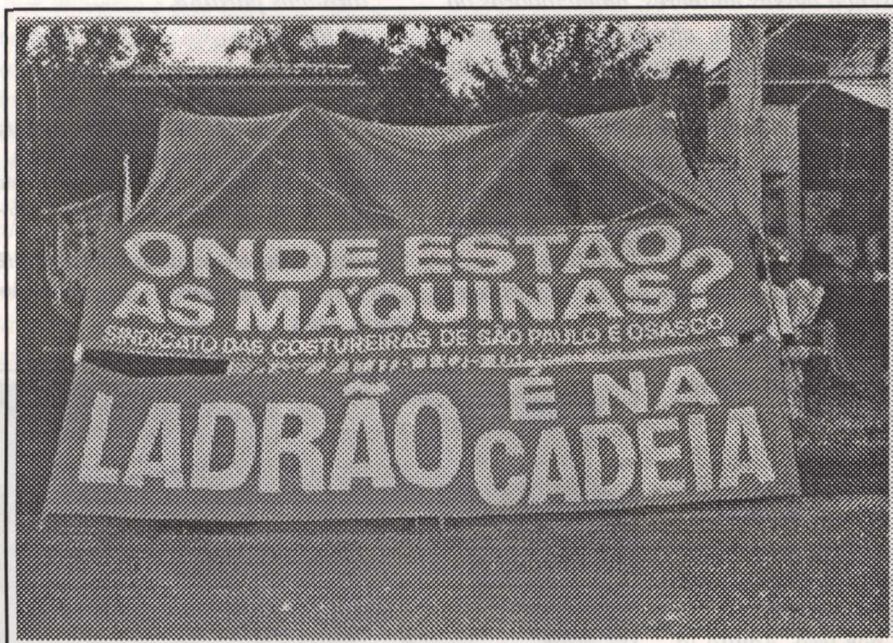


Foto: Mário B. da Silva

acampamento, todo mundo dormindo no chão, nasceu um amor diferente. Não pelas mulheres que trabalhavam comigo, mas por aquelas pessoas que hoje vejo na rua. Agora eu compreendo.

- Saiu de um isolamento, de um fechamento?

- Sim, Na fábrica a gente não podia conversar em hora de serviço. Éramos escravas. Hoje somos outras. Nossa união, nossa luta acabou com o medo - assim disse a Marta.

- É isso mesmo - acrescenta Iracema, mineira, cantora de ladainhas do povo - é que agora entendemos a dor daqueles que são esmagados pela fome, pela injustiça.

- Sofremos isso na própria carne, dormindo ali na calçada - disse Maria Machado - tomando chuva, calor, frio, e às vezes quase vencidas pela falta de perspectivas de um desfecho feliz do nosso caso.

- Mas vamos vencer - falou Josefa.

- Mesmo recebendo só 25% do dinheiro até agora? - pergunto.

- Queremos todos os nossos direitos. E vamos lutar para isso. Até o fim. Mas não estamos brigando só por dinheiro. Nosso sofrimento mudou nosso jeito de ver o mundo - acrescentou Marta.

Enquanto Marta falava, as cabeças das outras mulheres presentes balançavam. Era como se algo tocasse fundo no coração de cada uma. Olhei ao meu redor, discretamente. Voltei meu olhar para o meu próprio coração. Senti-me como que em terra sagrada, na presença dessas mulheres, anunciadoras da boa nova de uma vida outra, plena, abundante, duramente conquistada, soberanamente gratuita. Promessa e herança dos pobres.

Senti-me também interpelado, ao ouvir anunciada essa palavra-vida de que o sofrimento e todas as suas formas desgraçadas, até a própria morte antes do tempo, podem conduzir a algo radicalmente novo e inédito, se nos abrirem o coração para os que padecem de fome pelo pão, pela justiça e pela beleza.

- Eu vi uma coisa, uma vez, que me chocou. Foi no Parque Ibirapuera. Naquelas águas que devem ser sujas. Estava ali um rico com seu carro. Um Versailles. Em plena quinta-feira. Chegou uma mulher pobre com três crianças sujinhas, lavou as crianças e as roupinhas. Pôs pra secar. Aquilo não doeu para ele. Talvez se ele precisasse pegar um filho e jogar numa água podre daquela... Lavar com sabão de pedra. Ele continuou ali. Parecia que não via nada. Nem se abalou. Não tinha culpa. Nunca passou por isso. Aquilo lá doeu tanto para mim!... Fui conversar com a mulher. Veio do Norte ganhar a vida aqui. Morava na rua com os três filhos.

Olhando de novo ao redor, enquanto a Marta falava, vi lágrimas nos olhos de várias das mulheres presentes. Fiquei comovido por essa solidariedade densa de ternura e de gratuidade. Perguntei:

- Então Deus tem algo a ver com esta

sofrida peregrinação de vocês?

- Sem Deus, sem a força divina, a gente só fica com raiva. Só quer a vingança. Nós não queremos a vingança. Queremos a justiça de Deus - falou a Marta.

- Tenho uma fé viva. É muito importante para mim. Mas eu peço, todo dia, não para mim, mas para todos que lutam juntos com a gente - acrescentou Cleunice.

- Teve momentos que a gente se desesperou. Muita gente no início, aquela agitação! Depois foi fracassando, fracassando... Se não fosse Deus, a gente não estava aqui agora - disse Iracema.

- Mas vocês sabem que a fé de muita gente é algo puramente individualizado. Não mexe com a vida no seu todo - disse eu.

- Olha, se não fosse Deus, como que a gente ia se juntar agora a outras lutas de outras companheiras injustiçadas?

Maria Machado falou por todas. Fiquei sem palavras. Só consegui me lembrar de uma poesia, nascida seguramente também de um coração sofrido e solidário, onde rima dor e amor:

**"Não há uma terra sem males,
ainda.**

Ainda, aqui.

**Mas há uma terra bastante,
se fosse de todos.**

**Os males e os bens
tornados partilha,**

na busca

na espera

da Terra-sem-males...!"

(Do poema "Não há uma Terra sem Males", de Pedro Casaldáliga, na coleção A Cuia de Gedeão, Vozes, 1982).

(Este texto foi produzido com base numa entrevista na sede do Sindicato das Costureiras, na rua Florenço de Abreu, 305 - SP, aos 24/03/93).

* Patrick Clarke é Coordenador do MDF/Belém-SP, Mestre em Ciências da Religião/PUC - SP e autor do livro *Pão e Poesia, Ed. Ave Maria, 1992.*

Foto: Mário B. da Silva

